

DA janela, a môça vê quando o soldado, correndo pela estrada, atira o fuzil à capoeira e some na dobrada do morro. Desertor.

Faz uma semana que estourou a revolução. A poucos quilômetros da fazenda, já se combate, num lugarejo de fronteira chamado Eleutério. Ela ouve, distintamente, à noite, o canhoneio. São Paulo está em guerra contra o ditador. Agitação na capital, em tôdas as cidades. Até a fazenda foi atingida: a Casa Grande abriga um pósito de comando revolucionário. É a única mulher, no meio de 400 soldados. Todos os civis foram evacuados. Professora rural, viúva, mora na própria escola, com uma filhinha de cinco anos. Considera obrigação continuar ali, enquanto não recebe ordens para abandoná-la. De resto, seus irmãos alistaram-se. O mais velho, Primo, seguiu para Eleutério, e consta ter morrido nos primeiros combates. Antônio está na segunda linha defensiva, numa trincheira logo adiante da fazenda. Vem vê-la, às vezes. Traz a farda de reserva para lavar.

Da janela, a môça avista ainda a sentinela da porteira. Sua função é vigiar a estrada que demanda a fronteira entre Minas e São Paulo, onde se concentram tropas inimigas. Não deve deixar ninguém passar sem identificar-se. À noite, deve amarrar a porteira com arame farpado. O soldado, porém, limita-se a ficar ali, aparando intermináveis pedaci-



25 anos depois,
MANCHETE revive o 9 de Julho,
através
de uma heroína anônima

SÃO PAULO SE REVOLTOU PARA O BRASIL PODER VOTAR

Reportagem de DANIEL LINGUANOTTO

Fotos de JACK PIRES, LENINE SEVERINE, MANOEL GINJO e dos arquivos do prof. WALDEMAR FERREIRA

Não queria ver os irmãos lutando sós

nhos de madeira, com o canivete. Ela vê gente transitar livremente, enquanto a sentinela, muda, apenas suspende os olhos do canivete. Relapso.

Quando Antônio anuncia que vão avançar, a moça fica aturdida. Até aquele momento, a guerra lhe parecia uma briga particular entre políticos de São Paulo e do Rio. Não acreditava na morte de Primo. A tarefa de Antônio, por sua vez, instalado nas imediações, com liberdade de visitá-la freqüentemente, emprestava certa domesticidade ao conflito. Como se fosse uma guerra de mentira, que a gente acaba com ela quando quiser. Só agora percebe a brutalidade envolvê-la. E seus irmãos estão metidos nessa guerra, na qual se morre, uns desertam, outros relaxam.

Traça um plano. Despacha a filha em caminhão, aos cuidados dos pais, para São João da Boa Vista. Apanha, na capoeira, o fuzil do desertor, veste a farda que o irmão lhe dera para lavar, calça um par de meias pretas em lugar das perneiras. Decidira "comprar a briga". Espera anoi-tecer. Quando o último caminhão de soldados deixa a fazenda, ela consegue pegar a "rabeira". No escuro, ninguém percebe a manobra. Mas acaba acomodando-se ao lado do irmão. Antônio vira bicho:

— Já, já, desce! Isto não é coisa pra mulher.

A moça, firme. É a mais velha. Está com 33 anos. Se os irmãos se metem numa briga que ela não pode apartar, briga também ao lado deles, pronto! Antônio passa da fúria à súplica. Em vão.

Depois de meia hora de marcha, uma contra-ordem. A tropa deve voltar e ocupar novamente as trincheiras da fazenda.

Em plena noite, ei-la, pela primeira vez, debruçada num talude. Antônio insiste ainda. "Deixe de teimosia. Se quiser mesmo ajudar os revolucionários, vá para a cidade, costure fardas, sirva numa cantina, num hospital de sangue, nos lugares, enfim, em que as mulheres costumam ajudar." A moça, indiferente a súplicas, fixa, à distância, a colina banhada de luar, onde supõe se encontre o inimigo.

Só agora se dá conta de que nunca manejara um fuzil. No entanto, até uma cartucheira conseguiu. Olha, súplice, para o irmão. Antônio, mudo, com maus modos, tira-lhe o fuzil da mão. Puxa o ferrolho para trás; leva-o à frente, torce-o para a direita, e, sêco: "Agora, é só puxar o gatilho. Está armado. Para armar novamente, faz a mesma coisa. Entendeu?"

Lá na colina, surgem vultos. Logo, uma saraivada de balas assovia sobre sua cabeça. O tenente comanda fogo. A moça aponta na direção dos vultos negros e puxa o gatilho. Sente uma pancada terrível no ombro. Quase cai de costas. Reanima-se. Manobra o fuzil, puxa o gatilho de novo. Outra pancada. Mais outra, mais outra. Antônio ensina-lhe a remunciar a arma. De madrugada, ela verifica que seu ombro direito está pisado de sangue, dos "coices" do fuzil. Mas é tomada por uma alegria diabólica, quando percebe que o inimigo recuou. O tenente ordena a cessação do fogo. E dia claro. Passa a tropa em revista. Diante dela, estaca:

— A senhora é louca? Que é que está fazendo aqui? Volte para a cidade. Como é seu nome?

— Maria Stela Rosa Sguassabia.

— A senhora não compreende que, em vez de ajudar, vai atrapalhar?

Alguns soldados reconhecem a professora da fazenda. Interferem. Que se consulte o Estado-Maior, aquartelado em São João. O tenente vacila. Bufa ainda, mas acaba concordando. O Estado-Maior, porém, não quer assumir a responsabilidade. Consulta, por seu turno, o comandante supremo dos exércitos naquele setor, o capitão Romão Gomes. Ao cabo de muitas horas, vem a ordem: "Pode ficar. Se agüentar o repuxo, servirá de exemplo aos medrosos. Se não agüentar, pode abandonar as trincheiras, quando quiser".

Maria, então, é incorporada à 4.ª Companhia do 1.º Batalhão Paulista da Milícia Civil, com o nome de... Mário Sguassabia.

Os paulistas num círculo de fogo

QUANDO estoura a revolução (9 de julho de 1932), as tropas paulistas madrugam na fronteira do Estado do Rio, a caminho do Distrito Federal, a fim de deporem o ditador. Mas ali se detêm por dois ou três dias, esperando a adesão de Minas e Rio Grande do Sul, adesão que não se efetiva. Foi o tempo suficiente para o ditador articular rapidamente as tropas que lhe são fiéis, sob o comando do general Góis Monteiro. E tenta, desde logo, penetrar em território paulista, por todos os caminhos, até circunscrever o movimento sedicioso dentro da capital, para, em seguida, abafá-lo. Cerca de 40 mil homens são mobilizados e dispostos em torno das fronteiras de São Paulo, nos eixos de penetração das rodovias e ferrovias. Tropas de Minas, concentradas em Poços de Caldas, Uberaba e Ouro Fino, penetrariam pela E. F. Mogiana. As do Paraná, pela Sorocabana, via Itararé. As do Rio, pela Central do Brasil, através do Vale do Paraíba. O pôrto de Santos é bloqueado pela Esquadra. Todos os destacamentos têm ordem de apertar o cerco, até a rendição.



CERCADA PELAS TROPAS INIMIGAS, A 4.ª COMPANHIA DA "COLUNA ROMÃO GOMES", NA PLANÍCIE DE VARGEM GRANDE, FICOU SEIS HORAS, IMOBILIZADA NAS TRINCHEIRAS. ENTRE OS SOLDADOS, A MARIA QUE VIROU MÁRIO PARA PODER BRIGAR TAMBÉM. GUERRA ENTRE IRMÃOS, GUERRA CRUEL. LANÇOU-SE MÃO DO RECURSO DA CAMUFLAGEM



CONTRA OS ÁGEIS AVIÕES "VERMELINHOS" A INDÚSTRIA PAULISTA, MESMO SEM SER AINDA O QUE É HOJE, CHEGOU A FABRICAR PASSÁVEIS CARROS DE COMBATE.



Na hora em que muito barbado tremeu, mãos femininas atiraram com firmeza.

Assim, viram-se os paulistas obrigados a realizar uma revolução extravagante: em vez de marcharem para o seu objetivo (deposição do ditador), entrincheiraram-se para defender seu território, na remota esperança de que o resto do país aderisse à sua causa, que consistia em forçar o ditador a convocar a Assembléia Constituinte, votar uma Constituição e normalizar, enfim, a vida do país, submetido, então, a um regime de emergência, que durava dois anos e ameaçava perpetuar-se.

Luta-se, pois, ao longo de toda a fronteira, com quatro focos principais: na passagem do túnel da Serra da Mantiqueira; em Eleutério e em toda a zona leste do Estado, desde Mococa até São João da Boa Vista e Pinhal, atacada pelos Exércitos de Leste, do ditador, e defendida pelo 1.º Batalhão Paulista da Milícia Civil, famoso, depois, com o nome de "Coluna Romão Gomes".

Maria "vê" o inimigo pela primeira vez

POUCOS dias consegue a 4.ª Cia. do 1.º Batalhão Paulista da Milícia Civil sustentar a posição na fazenda. As tropas do ditador, comandadas pelo general Eurico Gaspar Dutra, tomam as cidades de Jardim e Pinhal, na retaguarda da fazenda, ameaçando isolar num bolsão todos os homens de Romão Gomes. Sem combate, êle recebe ordens de evacuar grande parte de suas trincheiras, abandonando à invasão do inimigo as cidades de Cascata, Prata, São João da Boa Vista, Gramma, Sapeçado, São José do Rio Pardo, Mococa e Vargem Grande. Deve instalar seu Q. G. em Casa Branca e aí organizar nova linha de resistência.

Debaixo de tremendo aguaceiro, pela madrugada, a 4.ª Cia. inicia o deslocamento. Dispõe, no máximo, de 80 homens. Sua missão é proteger o deslocamento da "Coluna Romão Gomes", estabelecendo, no lugar da Lagoa, pouco antes de Casa Branca, um foco de resistência. Ali, o inimigo deve ser detido a qualquer preço. Na posição escolhida, trabalham os 80 homens, a noite toda, abrindo trincheiras. Pela manhã, Maria verifica que se encontram numa colina, dominando vasta planície, cortada ao centro pelos trilhos da Mogiana. Juntam-se a êles outros grupos de combate. São, ao todo, agora, 250 homens.

Pelas 11 horas, mal levantam as ferramentas de sapa, o inimigo desponta no horizonte. Vem despreocupado, certo de que a "Coluna" se encontra concentrada em Casa Branca. À vontade, caminha pela planície. O capitão Homero Silveira, comandante do grupo, recomenda calma aos seus homens. Conservem-se quietos e abrigados. Vai ser uma caçada em regra. Precisam capturar algumas armas automáticas, substituir os velhos fuzis modelo espanhol pelos Mauser último tipo, adotados pelo inimigo.

Maria sente o coração aos pinotes. Pela primeira vez, ela vê o inimigo. Agora, êle não é um vulto negro, indistinto, contra o qual atirava sem saber se tinha acertado ou não. O inimigo está ali, a três quilômetros, se tanto. E, à medida que se aproxima, pode ela escolher um homem qualquer, a esmo, enquadrá-lo na massa de mira e abatê-lo, como fazem os caçadores com as feras. A professorinha rural já sabe manobrar a arma com certo desembaraço. Só os "solavancos" do coração ainda perturbam um pouco a pontaria.

O capitão Silveira movimenta-se sorratamente dentro da trincheira, repetindo ordens.

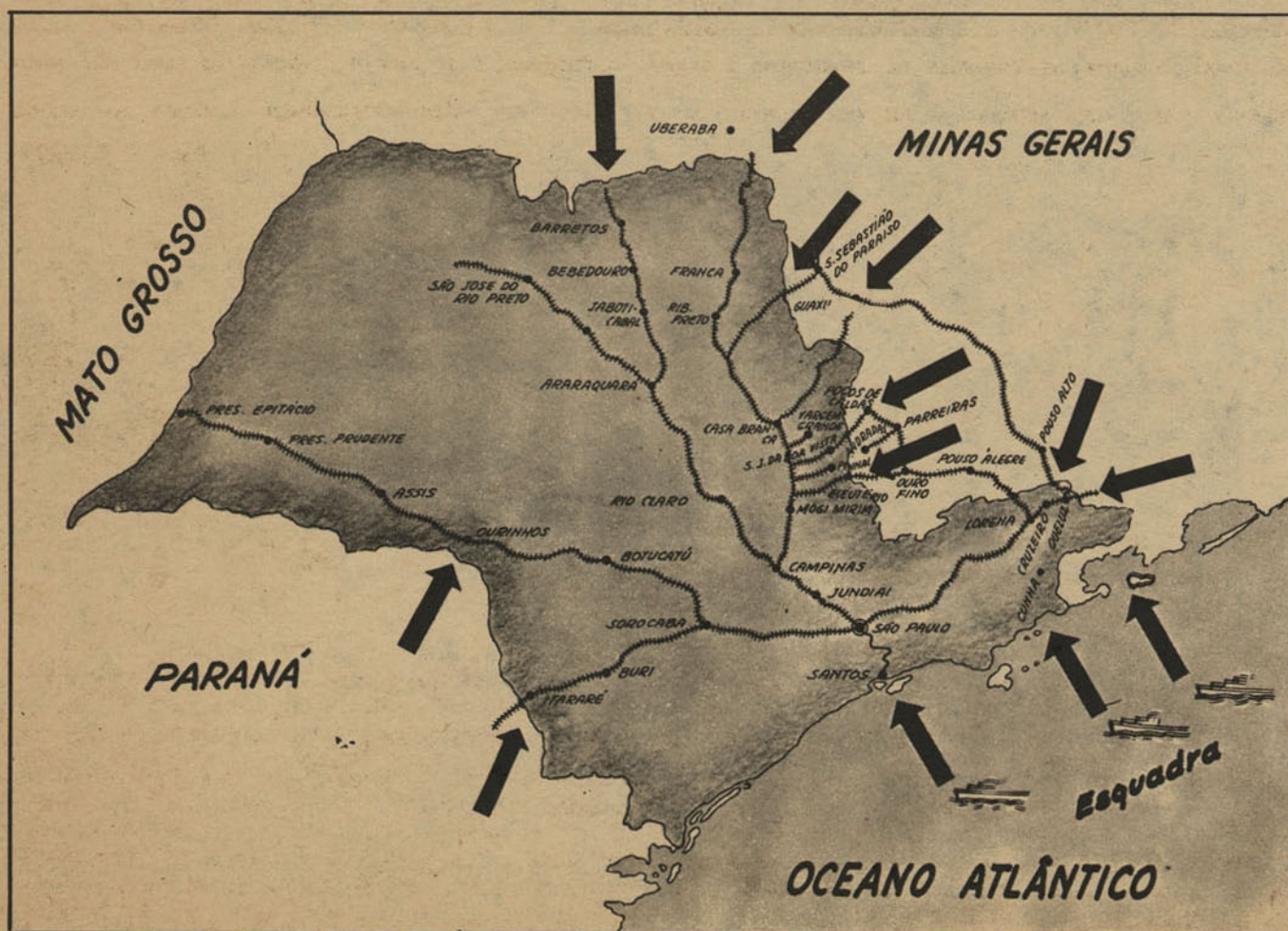
— Calma, pessoal! Deixe os homens chegarem mais perto.

Tudo bem calculado, na planície há uns 1.200 soldados. É preciso muita calma mesmo, pois, no caso de perceberem a emboscada, disporão de tempo para abrigar-se e massacrar a 4.ª Cia. inteira.

Quando se encontram na altura de tiro, bem visíveis, e o capitão Silveira prepara-se para comandar fogo, de dentro da trincheira, alguns soldados, nervosos, disparam antes do tempo. O inimigo, rapidamente, se dispersa e some na macega. Tudo perdido. Urge modificar os planos. O tenente Mário Meira é enviado, às pressas, com o seu grupo, seguido de perto por Maria, para tentar um envolvimento pela esquerda, antes que o inimigo se abrigue. Mas é tarde. Os homens do tenente Meira são recebidos sob tremenda fuzilaria. Outro grupo se destaca pela direita e é rechaçado. Voltam os dois grupos a reunir-se, na posição primitiva, enquanto o inimigo inicia o ataque que o capitão Silveira temia. A situação torna-se dramática. Correm o risco de um massacre. Maria resmunga, de novo, com os seus botões: "É por causa desses relaxamentos que me meti nesta guerra".

O inimigo é impiedoso. Despeja em cima das trincheiras um dilúvio de chumbo. Ninguém se atreve a erguer-se. Um pretinho falante e valente, o cabo Honório, assume o talude e tenta disparar. Leva um balázio no braço. Outro tem a mão decepada. O capacete de Maria é "risgado" por um projétil. Alguns morrem. E a soldadeca inimiga "cresce" diante das posições da 4.ª Cia.

Súbito, surge na planície o trem blindado, arma de guerra improvisada pela indústria paulista. Vem solene e vagaroso. Os canos de suas metralhadoras rebrilham. Tomado de surpresa, o inimigo suspende o fogo. Meio desabrigada, a soldadeca corre em todas as direções e é varrida pelas metralhadoras de bordo. Uma caçada em regra, tal como a que preparara o capitão Silveira. Mas, refeita da surpresa, concentra suas metralhas no "bruto". As balas se chocam contra a blindagem, produzindo um ruído que Maria compara ao de uma máquina de costura picando aço. Os homens da 4.ª Cia. assistem ao duelo, de camarote.



Roteiro de 32

Durante meses de angústia e sacrifícios, S. Paulo se viu como uma ilha cercada de sangue e aço por todos os lados. Entre os heróis constitucionistas, anônimos ou não, figurava uma destemida professorinha rural, Maria Stela Rosa Sguassabia.



MARIA, COM O IRMÃO ANTÔNIO, NAS TRINCHEIRAS, DURANTE OS COMBATES DE PEDREGULHO E GRAMA. O "SOLDADO MAIS VALENTE" TROCARA AS SAIAS PELA FARDA. ENTRE A RAPAZIADA DECIDIDA DA 4.ª COMPANHIA, MARIA STELA SQUASSABIA, FOI PRECISO MUITO TUTANO, DIANTE DA VASTA SUPERIORIDADE NUMÉRICA DO INÍMIGO.



NA PAZ DOMÉSTICA DE UM QUARTO DE SÉCULO DEPOIS,
O FUZIL É APENAS UMA RECORDAÇÃO. BOA? MÁ? SÓ A
COMBATENTE DE OUTRORA O PODERÁ DIZER AO CERTO.



Joana D'Arc humilde pode acontecer sempre que as circunstâncias o exigam

De repente, porém, uma das janelas da locomotiva se entreabre. O maquinista quer "espiar a guerra". Uma bala corta, rápido, sua curiosidade. A bordo, o pessoal se descontrola. E, solene como chegou, o trem blindado faz marcha-à-ré, deixando a 4.^a Cia. sôzinha novamente, a braços com o inimigo, que de novo "cresce" sôbre as suas posições, agora quase insustentáveis.

Quando o capitão Silveira acredita tudo perdido, percebe o avanço de um grupo do tenente Samuel, que se infiltrara na retaguarda do inimigo e dava uma carga de baioneta, espetacular. Debandada. Alívio.

Uma ofensiva, afinal

A "Coluna Romão Gomes" torna-se o terror dos Exércitos de Leste do ditador. Em face dos êxitos que vem obtendo, seu comandante é autorizado a tentar uma ofensiva, visando a reconquista de diversas cidades paulistas em poder do inimigo. A primeira delas será Vargem Grande.

Romão Gomes destaca 200 homens para realizar a façanha, escolhidos a dedo pelo capitão Silveira. Todos os elementos da 4.^a Cia. — e com eles vai de novo a professorinha rural.

Vargem Grande recupera a "nacionalidade"

A 4.^a Cia. larga de Lagoa, a pé. Tem pela frente uma caminhada de 11 horas. Maria, mal refeita do combate, faz a marcha com tremendo sacrifício. Mas não se queixa, não reclama regalias, nada. É um soldado como outro qualquer. Devem chegar às imediações da cidade até às 4 horas da madrugada. Assim o exige o plano que Romão Gomes traçou.

O plano é audacioso. A cidade está guarnecida por 250 homens da Fôrça Pública Mineira. O capitão Silveira deve penetrar, ainda no escuro da noite, sem ser pressentido. Instalar seus homens em pontos estratégicos e esperar os acontecimentos.

O capitão Ruiz, por sua vez, comandando outro grupo, terá de colocar seus homens diante da cidade, em posição de combate, antes de clarear o dia. Mas de maneira como se quisesse tomá-la de assalto. Aí, porém, ficará imobilizado, até receber um aviso.

Vargem Grande dorme o sono da inocência. Ruas desertas e tranquilas. Nem parece uma cidade dominada. Cada homem do capitão Silveira é colocado numa posição-chave: cruzamento de ruas, desembocadura de praça, postos telefônico e telegráfico. Até nos armazéns e cafés. O sargento Inácio dos Santos, com mais três voluntários, escala, na surdina, um dos edifícios mais altos, de onde domina as trincheiras do inimigo, junto ao cemitério. Ali, numa das sacadas, camufla uma metralhadora pesada.

Só falta, agora, clarear um pouco. Quando já começam a perceber vultos à distância, o capitão Silveira solta um *very-light*, foguete luminoso fabricado pela Escola Politécnica. É o aviso. O capitão Ruiz, com estardalhaço, finge que vai atacar a cidade. A soldadesca inimiga, acantonada em residências, acorda, sobressaltada, e corre para socorrer os companheiros da trincheira. Do alto edifício, o sargento Inácio "costura" com ponto fino... Quando eles querem retroceder, os voluntários estão nas ruas, bloqueando a passagem, passarinhando de fuzil. O comandante do entrenchamento supõe a existência de tropa numerosa num dos flancos, e tenta mudar de posição. À medida que sua gente se desabriga, o capitão Ruiz acaba de fazer o "serviço".

Às 6 da manhã, estava tudo liquidado. Setenta prisioneiros, numerosos mortos e feridos, o resto debandado. Capturadas duas metralhadoras Z. B., um fuzil-metralhadora Colt, 83 fuzis.

Quando os vargem-grandenses acordaram, já eram "paulistas" de novo.

Segunda etapa da ofensiva paulista

NA segunda etapa da ofensiva da "Coluna Romão Gomes", visando expulsar o inimigo de vasta área do território paulista, estava a cidade de Gramma. Reconquistada essa posição, as tropas do ditador, por uma questão de tática, isto é, para não serem envolvidas pela retaguarda, seriam obrigadas a evacuar as cidades de São José do Rio Pardo, São João da Boa Vista e Prata. Numa palavra: seriam empurradas até a fronteira de Minas, novamente.

Mas, para reconquistar Gramma, a "Coluna" devia passar pelo lugar-
rejo de Pedregulho, pôsto avançado do inimigo, cuja neutralização

se impunha. Romão Gomes confiou a tarefa, ainda desta vez, aos elementos da 4.^a Cia., comandados agora pelo tenente Mário Meira, por ser ela constituída de voluntários naturais da região.

O soldado mais valente

PEDREGULHO é defendida por uma Companhia Mista do 5.^o Batalhão da Fôrça Pública Mineira e por outra do 7.^o Batalhão de Caçadores. Esses elementos estão entrenchados nas imediações da cidade, em terreno bem preparado. Soldadesca regalada, pois os paulistas têm notícias de que assaltam fazendas e vivem de galinha e leitão assado.

O tenente Meira dispõe de 200 homens, agora equipados com armamento moderno, conquistado ao inimigo no assalto a Vargem Grande. Às 6 horas da manhã, alinha sua tropa, em posição de combate. As metralhadoras pesadas são postas de maneira a proteger o ataque, planejado de modo a permitir o máximo de mobilidade individual. Cada soldado da 4.^a Cia. tem plena liberdade de ação. Com essa tática, pretende desnortear o inimigo, afeito, segundo soubera, à guerra ortodoxa, preparado para enfrentar assaltos dentro de uma certa disciplina.

Duas horas durou o fogo "desordenado". Cada tiro da 4.^a Cia. representava um passo adiante. Ninguém atirava duas vezes do mesmo lugar. Quando, perto da hora do almoço, o tenente Meira chegou às primeiras trincheiras da defesa de Pedregulho, encontrou quatro soldados seus de armas apontadas para um grupo de inimigos. Todos eles de mãos levantadas, menos um, oficial. Era o tenente João Batista Silveira, da F. P. de Minas. Havia sido prêsso por Maria.

— Mas isto é um absurdo — queixava-se o homem. Um oficial ser prêsso por uma mulher!

Maria, com o fuzil apontado ao peito do oficial, não dizia nada. Vendo Meira, porém, pergunta-lhe:

— Que é que a gente faz para um tenente render-se, meu comandante?

Meira fica meio mudo de espanto. O tenente Batista era o comandante de Pedregulho. Respondeu, mais para o oficial do que para Maria:

— Não se envergonhe de ser prêsso por uma mulher, tenente, pois o senhor tem a honra de ser prisioneiro do mais valente soldado paulista.

O tenente Batista não se convenceu:

— Estou disposto a me entregar, mas a um homem, a um oficial.



A MENINHA DE OUTRORA JÁ LHE DEU UM NETO. A EX-SOLDADO DEVE SER FELIZ.



BRAVA GENTE PIRATININGANA. SANGUE DE BANDEIRANTES. QUANDO SE DISPÓS A FALAR, A DITADURA ESTREMECEU NOS ALICERCES DE SANGUE E VIOLÊNCIA.

Lutar contra as poderosas tropas do ditador foi talvez mais fácil que fazer

A um soldado, a uma mulher, nunca!
Meira fêz-lhe a vontade. Desarmou-o e prendeu-o.

O começo do fim

DE nada valerem, porém, os esforços de Romão Gomes para reconquistar Vargem Grande e Grama. Os paulistas já combatiam, fazia mais de dois meses, e seus recursos se exauriam. Eram evidentes os sinais de cansaço, de dissensão entre os próprios chefes políticos e militares na capital. O general Góis Monteiro, comandante dos Exércitos do ditador, aproveitou os sinais de fraqueza, para ordenar a ofensiva geral. A partir da primeira quinzena de setembro, a pressão sobre São Paulo aumentou irresistivelmente. Todos os destacamentos que sitiavam o Estado foram aperando o cerco. O destacamento do general Dutra, ao qual pertencia o corpo de "provisórios" do sr. Benjamin Vargas e do qual era "tenente" o famoso Gregório Fortunato, penetrou em território paulista pelo eixo da Mogiana, via Eleutério e Mogi-Mirim, ameaçando Campinas, diretamente. Movimento que comprometia a retaguarda da "Coluna Romão Gomes". O general Cristóvão Barcelos avançava pelo eixo da Central do Brasil, transpondo a barreira do túnel da Mantiqueira. O general Rabelo, estacionado no Triângulo Mineiro, investia pelo eixo da E. F. Paulista, em direção de Limeira. Em todos os "fronts", enfim, o cerco apertava. Romão Gomes recebe ordens de recuar para a capital. Reagiu, negou-se, mas teve de ceder, já que a própria capital estava ameaçada. Era o começo do fim.

Surge um cabo: Maria Sguassabia

ENTRE Pedregulho e Grama, ferem-se, durante 20 dias, mais de dez combates, violentos e mortíferos. Maria e seus companheiros da 4.ª Cia. experimentam o que o diabo esqueceu no inferno. Mas ninguém

pensa em recuar. De modo que, quando o tenente Meira chega, certa manhã, com a ordem de retroceder para Campinas, nas imediações da capital, registram-se cenas patéticas de choro e revolta. A soldadesca não podia admitir que a "Coluna", invicta até aquele momento, fôsse derrotada taticamente. Emocionado, o tenente Meira reúne a tropa, para as últimas recomendações. Homens barbudos, rotos, calejados por quase 80 dias de lutas, choram como crianças. Meira faz um pequeno discurso e, depois, perante a Cia. formada, prega no braço de Maria as divisas de cabo.

Vão entrincheirar-se no Arraial dos Sousas, já nas vizinhanças de Campinas, onde se travam os derradeiros e desesperados combates, na tentativa, infrutífera, de evitar que a cidade de São Paulo seja invadida pelo inimigo. Tudo em pura perda. A sorte da revolução "constitucionalista" está selada. Os homens do general Góis Monteiro ameaçam a capital — pelo norte, pelo sul, pelo oeste, por todos os lados. Novamente o tenente Meira recebe ordens para abandonar as trincheiras. Agora, tôda a "Coluna" deve recolher-se à capital.

Na estaçãozinha de Arraial dos Sousas, a 4.ª Cia. aguarda o comboio. O tenente Meira mal tem tempo de ler o boletim de promoção de Maria ao posto de sargento, e já se ouvem disparos. Entrega-lhe o comando de um pelotão, com ordens para cobrir o embarque da tropa. Cumprida esta última missão, Maria podia dispersar seus homens e cuidar de si. O trem larga numa extremidade, o inimigo desponta na outra.

Um revólver por um vestido

MARIA e Antônio perambulam pelas ruas convulsionadas de Campinas. A cidade ainda conserva as cicatrizes dos bombardeios aéreos. Já não havia nada que fazer. Por tôda parte, encontram ajuntamentos de homens e mulheres, comentando a "desgraça". Ruas apinhadas, notícias alarmantes. Tudo quanto lhes restava agora era cuidar-se para não cair prisioneiros, e voltar a São João da Boa Vista. Maria pretendia também esconder seu fuzil. Não podia imaginá-lo servindo ao inimigo. Entram numa rua semideserta. Num portão aberto, uma jo-



HOMENAGENS DOS COMPANHEIROS, INCLUSIVE DO CAP. ROMÃO GOMES (A PAISANA)

valer o direito a um parco aumento

vem preta vem-lhes ao encontro. Maria pede-lhe para esconder o fuzil. Logo atrás, surge o marido da preta. Ocorre-lhe negociar o revólver. Troca-o por um vestido e um terno usados. Ali mesmo se desfazem da farda. O casal lhes oferece um farnel. Deixam Campinas e ganham a estrada, a pé. São 150 quilômetros, até São João. Depois de dois dias de caminhada, com penosos atalhos, para evitar contato com as viaturas inimigas, num boteco de beira-estrada, descobrem que patrulhas andam à cata de Maria. O tenente João Batista, ex-comandante de Pedregulho, libertado pelo invasor, sedento de vingança, instituiu um prêmio de dez contos de réis, pela captura de Maria.

Uma exaustão enorme, agravada pelo desgosto da derrota, prostra a professorinha rural. Cai de cama. Já convalescente, vários meses depois de terminada a guerra, costura umas roupas, na varanda de sua casa, quando, no portão, surge um homem. Magríssimo, barbudo, irreconhecível. Era seu irmão Primo, tido como morto nos combates de Eleutério. Havia caído prisioneiro.

Maria Stela, 25 anos depois

MARIA Stela Rosa Sguassabia, aos 58 anos, mora ainda em São João da Boa Vista, num chalézinho modesto, com alpendre na frente e latadas de avenca. Sua filha, evacuada da fazenda, já lhe deu um neto. Antônio é guarda-civil, em São Paulo. Primo possui um sítio no município. Ela, agora, é inspetora de alunos do "Colégio Estadual Cristiano Osório de Oliveira". Vive cercada do respeito e da admiração dos sanjoanenses. Meio esquecida, porém, pelos burocratas da capital.

Há pouco tempo, quando pleiteou a regalia do artigo 30 da Constituição Estadual, que concede aumento de salário aos funcionários combatentes de 32, teve de provar, exaustivamente, sua participação na luta. Ninguém queria acreditar que "uma mulher tivesse, de fato, combatido nas trincheiras".

O tenente Meira veio em seu auxílio, fornecendo aos burocratas um relato do seu heroísmo. Maria foi, então, aumentada em mais 200 cruzeiros.



A satisfação de quem já sabe que o



resolve o seu caso

O fluido de freios BRASPAR dia a dia vem comprovando sua alta qualidade e conquistando a preferência dos motoristas. Faça um ponto final nas experiências, adquirindo-o na primeira oportunidade.

O Concessionário BRASMOTOR mantém sempre completo estoque de peças para servi-lo das marcas

Chrysler
Dodge
Plymouth
De Soto
Fargo



CIA. INDUSTRIAL E COMERCIAL
BRASMOTOR
SÃO BERNARDO DO CAMPO - S.P.